

## Multiplicação de Sementes de Milhos Tradicionais para Comunidades Indígenas

Flavia F. Teixeira<sup>1</sup>, Ramiro V. Andrade<sup>1</sup>, Dea A. M. Netto<sup>1</sup>, Guilherme Carrano<sup>2</sup>, Teresinha Dias<sup>3</sup> e Carlos E. P. Leite<sup>1</sup>

Endereço: <sup>1</sup>Embrapa Milho e Sorgo - CP. 151 – Sete Lagoas – MG – 35701-970 – flavia@cnpms.embrapa.br; <sup>2</sup>Fundação Nacional do Índio; <sup>3</sup>Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Palavras-chave: *Zea mays*, variedades crioulas, etnias indígenas, agricultura familiar.

### Introdução

Os povos indígenas preservaram e melhoraram suas variedades tradicionais de milho, assim como outras culturas, durante séculos. Com a influência de outros povos que vieram habitar o país, houve a introdução de cultura não indígena nas suas tradições, inclusive no aspecto alimentar. No decorrer do tempo, os índios deixaram de cultivar suas variedades de milho e passaram a cultivar outras espécies, como o arroz, por exemplo. As variedades tradicionais indígenas representam muito da sua cultura, pois não se trata apenas do cultivo do milho; as variedades tradicionais têm importância na alimentação, na culinária e em outras tradições culturais, como festividades, cerimoniais e intercâmbio entre povos. O uso de milho pelos indígenas é muito diversificado, sendo consumido como "paruto", mingau, canjica, além do milho verde. Atualmente, alguns povos indígenas vivem em estado de carência alimentar e fome sazonal, conforme o relatório "Mapa da Fome Entre os Povos Indígenas no Brasil" (1995).

É importante ressaltar que, até bem pouco tempo, as variedades tradicionais ainda eram cultivadas pelo índios. Com o avanço da fronteira agrícola, especialmente na década de 70, a influência de outras culturas tornou-se mais intensa, o que levou à perda dessas variedades. A partir da década de 50, a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ-USP) iniciou as coletas de milho no país e, na década de 70, essas foram realizadas pela Embrapa. O banco de germoplasma de milho conta atualmente com 3.740 acessos e tem como atividades principais a conservação, caracterização, avaliação, coleta, intercâmbio e documentação do germoplasma (Teixeira et al., 2005). Desta forma, variedades de milho indígenas coletadas desde a década de 50 até princípio dos anos 80 encontram-se preservadas em câmaras climatizadas da Embrapa Milho e Sorgo. Nos últimos anos, a Embrapa e a Funai vêm desenvolvendo ações em parceria no sentido de repor variedades de milhos tradicionais para os povos indígenas, as quais foram substituídas por variedades exóticas. Neste enfoque, foram desenvolvidos trabalhos com a finalidade de resgatar milhos de povos indígenas (Estratégias Brasil, 2003), o que despertou o interesse de outras comunidades indígenas em cultivar suas variedades tradicionais.

O objetivo desse trabalho é (re)introduzir variedades de milho tradicionais para povos indígenas permitindo o resgate de tradições culturais e alimentares.

## Material e Métodos

A determinação das etnias que participaram do trabalho de (re)introdução de variedades de milho foi feita pela Funai que considerou às aspirações de resgate cultural manifestadas pelos indígenas. A escolha das variedades a serem levadas aos indígenas foi feita de acordo com o seguinte critério, primeiramente foi verificado, no acervo da Embrapa, a existência de milhos coletados nas respectivas comunidades para serem reintroduzidos e, no caso em que as variedades tradicionais não estejam mantidas na coleção de germoplasma de milho da Embrapa foi diagnosticada na coleção a existência de milhos indígenas tradicionais com características semelhantes àquelas anteriormente cultivadas pelos índios.

Após a seleção das variedades a serem introduzidas, foi iniciada a etapa de multiplicação de sementes. Como a quantidade de sementes armazenada de cada variedade é pequena, os milhos necessitaram ser multiplicados duas vezes para que se obter quantidades suficientes de sementes para distribuição nas aldeias. A multiplicação foi feita em campos isolados, com irrigação, em Nova Porteirinha, situada no norte de Minas Gerais, na estação experimental da Embrapa Milho e Sorgo, cuja região apresenta condições climáticas e ambientais apropriadas para produção de sementes de variedades tradicionais indígenas com ótima qualidade fisiológica. Após a primeira multiplicação foram enviadas pequenas amostras para a aprovação dos indígenas e após a segunda multiplicação, as sementes obtidas foram debulhadas, classificadas e expurgadas com produtos à base de fosfina, para a eliminação de inseto-pragas, caso necessário foram armazenadas em câmaras climatizadas até a época recomendada para a semeadura nas aldeias. As entregas foram realizadas pessoalmente ou via correio, pela Embrapa e pela Funai Os indígenas foram encarregados do plantio, dos tratos culturais e da colheita.

## Resultados e Discussão

Na Tabela 1 são apresentados algumas das etnias para as quais já foram (re)introduzidas variedades de milho tradicionais, assim algumas informações sobre as variedades utilizadas.

Nessa tabela é possível identificar que a maioria das variedades (re)introduzidas aos povos indígenas tem grãos do tipo farináceo, grande variedade de coloração de sementes e origem indígena. Apenas as variedades entregues aos Xavante e Bororo são de origem dessas próprias etnias, as demais foram selecionadas no Banco de Germoplasma de Milho considerando as características do milho original e a localização da aldeia a ser atendida. Essa situação mostra a necessidade de ampliar a coleção de germoplasma de milho mantida na Embrapa com variedades indígenas que ainda são cultivadas por algumas tribos, pois a conservação *ex situ* contribuiria para maior segurança na preservação dessas variedades.

Tabela 1. Variedades tradicionais indígenas utilizadas e algumas de suas características e etnias contempladas.

Nome da Variedade	Características				Comunidade indígena atendida			
	Origem		Tipo de Grãos	Cor de Grãos	Etnia	Município	Ano	Quantidade de sementes (Kg)
RO013	Aldeia Jamamadi-RO		Farináceo	Vermelho	Krahô	Itacaká- TO	2001	92
Nodzob Udzé	Barra do Garça-MT		Farináceo	Amarelo	Xavante	Barra do Garça-MT	2003	105
Nodzob Raré	Barra do Garça-MT		Farináceo	Roxo	Xavante	Barra do Garça-MT	2003	103
Nodzob Pré	Barra do Garça-MT		Farináceo	Vermelho	Xavante	Barra do Garça-MT	2003	92
Nodzob Awawi	Barra do Garça-MT		Farináceo	Alaranjado rajado	Xavante	Barra do Garça-MT	2003	23
Avatí-Morotí	Aldeia Bororo-MT		Farináceo	Amarelo	Bororo	Rondonópolis-MT	2004	200
Manchetado	Material coletado pelas ESALQ		Farináceo	Vermelho Branco	e Maxacali	Santa Helena de Minas-MG e Bertópolis-MG	2005	370
BA133	Brumado-BA		Dentado	Laranja vermelho	e Pataxó	Porto Seguro-BA	2006	400

Amostras de sementes das variedades tradicionais indígenas “Composto Guarani” e “Composto Kaingang”, ambas com grãos farináceos e brancos, serão enviadas para indígenas das etnias Guarani e Kaingang que habitam regiões Sul e Sudeste do Brasil em 2006.

Alguns aspectos da cultura indígena foram perdidos ou substituídos por similares da cultura não indígena. A perda cultural causa insatisfação e insegurança. O resgate cultural é uma forma de contornar ou minimizar esses problemas, fazendo com que a cultura dos povos se fortifique e aumente o interesse das novas gerações em preservar as tradições. Após a (re)introdução de variedades tradicionais de milho é esperado que os povos indígenas contemplados voltem a cultivar as variedades tradicionais de milho que haviam sido perdidas. Espera-se que as comunidades passem a dar importância à preservação de seus milhos, de modo que as variedades tradicionais não deixem de ser cultivados.

#### Literatura citada

Estratégia Brasil, Ciência e Tecnologia no Brasil – Pesquisa FAPESP. **As cores do milho Xavante**. n. 93. p. 14. Novembro de 2003.

Mapa da Fome Entre os Povos Indígenas no Brasil. Contribuição à Formulação de Políticas Sustentáveis. **Instituto de Estudos Sócio-Econômicos**, Brasília, 137 p., 1995.

TEIXEIRA, F.F.; ANDRADE, R. V.; PADILHA, L.; SOUZA, B. O. **Boas Práticas na Manutenção de Variedades Crioulas de Milho**. Comunicado Técnico 113, Sete Lagoas, 2005. 8p.